



UM TÓPICO DA TRADIÇÃO EMBLEMÁTICA: O LEÃO E A ESTÉTICA DE PERSUAÇÃO NO PALÁCIO DOS LEÕES EM SÃO LUÍS, CAPITAL DO ESTADO DO MARANHÃO, PATRIMÔNIO DE EMBLEMAS PORTUGUESES

A TOPIC OF THE EMBLEMATIC TRADITION: THE LION AND THE AESTHETIC OF PERSUASION IN THE PALACE OF THE LIONS IN SÃO LUÍS, CAPITAL OF THE STATE OF MARANHÃO, PATRIMONY OF PORTUGUESE EMBLEMS

UN TEMA DE INSIGNIA TRADITION: EL LEÓN Y EL PERSUASION DE LA BELLEZA EN EL PALACIO DE LOS LEONES EN SAN LUIS, MARANHÃO ESTADO CAPITAL, LOS RECURSOS BADGES PORTUGUÉS

Edimilson Moreira Rodrigues

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001). Mestrado em Políticas Públicas pela mesma Universidade, com dissertação sobre o PROLER no Maranhão (2008); Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense - UFF-Niterói-RJ, com tese sobre duas traduções do dom Quixote, de Miguel de Cervantes, para o português (2017); Pós-doutorado em Literatura Espanhola dos Séculos XVI e XVII, com pesquisa no Grupo de Investigación Siglo de Oro - GRISO, da Universidad de Navarra - España (2017).

E-mail: em.rodrigues@ufma.br

Maria Cristina Trindade Guerreiro Osswald

Licenciatura em Historia - Variante de Historia de Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Curso superior de lengua y cultura italianas, Istituto Dante Alighieri, Porto. Maestrazgo en Historia de Arte. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História de Arte. PhD em Historia y Civilización - Instituto Universitario Europeo, Florencia, con la tesis Jesuit Art in Goa between 1542 and 1655: From Modo Nostro to Modo Goano.

E-mail: osswaldcristina@gmail.com

“Las imágenes deben ser tomadas como algo producido en toda época con fines comunicativos y poéticos, habiendo desempeñado, como tal cosa, funciones culturales. Es decir, las imágenes han sido en cualquier tiempo un fenómeno visual vivo que opera en la historia transformando aspectos de la vida del hombre y de la sociedad” (MAHÍQUES, 2008, p. 13).

1 INTRODUÇÃO

A cidade de São Luís pode ser lida em muitos espaços artístico e sociais, inclusive, na residência do governo do Estado, o Palácio dos Leões com 'sus emblemas de lecturas de la imagen simbólica', Rodríguez de la Flor (1995).

A origem do atual Palácio dos Leões coincide com a fundação da cidade de São Luís em 8 de setembro de 1612, quando os franceses comandados por Daniel de La Touche,

Senhor de La Ravardière, chegaram ao local a que os índios Tupinambás denominavam Upaon Açu (Ilha Grande). O propósito era estabelecer a França Equinocial. Para o primeiro assentamento, escolheram o alto de um promontório formado pelos rios Bacanga e Anil, frente à baía de São Marcos. Ali, os franceses construíram o forte batizado de São Luís, em homenagem ao rei Luís XIII. Mas a ocupação francesa foi breve. Em 1615, os franceses foram expulsos pelos portugueses, que reedificaram e rebatizaram o forte com nome de São Felipe. (Folheto turístico do Palácio, cedido pelo Governo do Estado, s/p).

O Palácio é detentor da memória e do patrimônio artístico da cidade de São Luís. No mesmo documento, lêmos: desde 1992, o Palácio conta com a Curadoria de Bens Culturais, setor responsável pela gestão de todo acervo, documentação, movimentação interna e externa, gerenciamento de reservas técnicas, do laboratório de conservação e restauro de papel. Sob a guarda da Curadoria de Bens Culturais são destacadas as telas reunidas ao longo da história do extinto Banco do Maranhão (BEM) e a “Coleção de Gravuras Arthur Azevedo”, composta por livros, álbuns e gravuras, sendo que estas vão do século XVI ao XIX e retratam cenas de costumes, mitológicas, paisagens e cenas religiosas.

O palácio dos Leões, mais do que simples testemunho da grandeza e da opulência do passado, se constitui num monumento histórico do Maranhão, lugar de origem da cidade, guarda a herança cultural de diversos povos, lugar de memória, portanto, parte indissociável de um imenso patrimônio – Patrimônio Cultural da Humanidade.

A arte memorativa, ou seja, a memória¹ de sua fundação e parte da colonização, tem muito a revelar através de seu acervo artístico, histórico e paisagístico, tendo como

¹ O tema sobre memória, arte e arquitetura, pode ser mais aprofundando nas obras; *El arte de la memoria* da autora Frances Amelia Yates, da editora Taurus, especificamente a introdução da obra; e ainda *El arte de memoria en el nuevo mundo*, de René Taylor; *El esplendor de la memoria, el arte de la iglesia de Málaga*, de . Obispado, 1998; *Velada memoria de las intenciones del enigma en el arte y la arquitectura*, de Antonio Fernández Alba; *La catedral de Tarazona – La memoria, el arte y la cultura*, de José Luis Moreno Lapeña; *Arquitectura y ciudad, memoria y imprenta*. Universidad Complutense de Madrid, 2009. Veja ainda, a obra: **El arte de la memoria, de Julián Gállego. Zaragoza: Ayuntamiento de Zaragoza, 1990.** E, de Luis Fernández Galiano *El fuego y la memoria sobre arquitectura y energía*, Editora Alianza Forma, 1991; Harald Weinrich com a obra, *Lete - Arte e Crítica do Esquecimento*. Editora Civilização brasileira, 2001. Importa destacar as obras de Fernando Rodríguez de la Flor: *Teatro de la memoria, Valladolid: Junta de Castilla-León, 1988*; e *Ephialte – Lectura de Historia del Arte. Vitoria: Instituto de Estudios iconográficos I, 1989.* e os trabalhos de Aurora Egidio *La configuración alegórica de El castillo interior, no Boletín del Museo Camón Aznar; X (1982) (pp. 69 – 93)*, *El arte de la memoria y el Criticón*, en *Gracián y su época, Zaragoza: Institución Fernando el Católico na obra La rosa del Silencio. Estudios sobre Gracián. Madrid: Alianza, 1997.* Veja o texto *Emblemática y arte de la memoria en en Nuevo Mundo: el testimonio de Guamán Poma de Ayala, de César Chaparro Gómez (pp. 423 - 440)*, no volume I de MAHÍQUES, Rafael García e SENENTE, Vicent F. Zuriaga. *Imagen y Cultura*, com 2 vols. Valencia, Universitat Internacional de Gandia e Generalit Valenciana, 2008, resultado do Seminário *La interpretación de las Imágenes como Historia Cultural* e, na mesma edição, o texto: *Entre el túmulo imperial y el llanto de Occidente. Emblema y arquitectura en las exequias de los Austrias en la Nueva España* de, Juan Chiva Beltran (pp. 441 – 458) e, no mesmo evento, o texto de Juan Francisco Estéban Lorete: *La lápida del arquitecto teórico-práctico Lucio Vitruvio Cerdón realizada por Torello Saraina en Verona (pp. 600 – 614).*

suportes de leituras as fachadas, crochês e talhas de ferros e madeiras de portas e portões, pinturas e azulejaria; incluindo-se aí, as louças e miuçalhas: a prataria, os baús e movelaria de seus colonizadores, como emblemas da cultura dominante; porque podemos ler parte da cidade, o Palácio dos Leões, como metáfora de enigmas, oculto pelo poder da emblemática ibérica, constituindo-se em espaço cenográfico de emblemas da sociedade lusa que esculpiu sua “marca” como estratégia de colonização, desde as tapeçarias até o frontispício do beiral de muitos casarões da cidade, assim como as traduções enigmáticas de “meia morada” e “morada inteira”, bem como a expressão “sem eira nem beira”, um falar quase visível, não fosse o enigma que o rodeia.

O primeiro emblema do Palácio é o leão. São oito os leões que, anteriormente pintados em azulejos, que ornavam a entrada do Palácio do Governo, e vão originar o nome atual do Palácio desde o Governo de Magalhaes de Almeida (1926-1929) quem os encomendou, em bronze, à fábrica escocesa Saracen Foundry. Os leões, com sua simbologia e seus emblemas, esculpidos em bronze, ornamentam o Palácio, guarnecendo, desde a entrada, o patrimônio administrativo e a residência do Governo do Estado, assim constituídos: dois leões laterais, no pátio interno, quatro na parte superior do muro do portão de entrada lateral, e dois guarnecendo a entrada fronteira do Palácio.

Percebemos, pela leitura das obras, que, originalmente, foram forjados dois leões matrizes, um segurando o Escudo do Estado do Maranhão com a pata direita e, outro, com a pata esquerda, segurando o mesmo símbolo. Formando, assim, uma imagem dual em equilíbrio, se repetindo em quatro momentos simbólicos. O leão que segura o escudo com a pata direita, é, supomos, uma leitura do emblema Centúria I, Emb. 84, f. 84 de Sebastián de Covarrubias Horozco, “León coronado con una pata sobre un **globo terrestre**; tiene medio cuerpo de **buey**”, Vistarini e Cull (1999, p. 474), com o lema: *Imperat ut serviat*, ou seja, governa para servir. É importante destacar, também, o emblema de Remón, cuja imagem revela um “León recostado; con una pata agarra el **escudo** de la **Orden de la Merced**, sobre el que hay una **corona**, y con la otra agarra una asta rematada en **crúz**, con una **bandera**”, Vistarini e Cull (1999, p. 474), e o lema: *In imitatione Redemptor; Dux in itinere*. Traduzindo: Na imitação, redentor; guia no caminho.

Tais enigmas nos possibilitam estudos da emblemática e sua profunda relação com a arte e a arquitetura portuguesa, herdeiros que somos, do saber luso que nos depositou sua história e memória; mas, acima de tudo, o saber de emblemas, empresas heráldicas e divisas históricas, advindos, esses elementos, da cultura ibérica formada desde o *Emblematum liber* de Andrea Alciato (1536) e o livro de Juan de Horozco y Covarrubia, *Emblemas Morales*

(Segovia, 1591).

Este texto é fruto do projeto de pesquisa de pós-doutorado em História da Arte, realizado no CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar em Cultura, Espaço e Memória do Departamento de Letras da Universidade do Porto, em Portugal, com o título **Estética de persuasão: Palácio dos Leões Patrimônio de Emblemas Portugueses em São Luís, Capital do Estado do Maranhão**, contemplado pelo **Edital 047-2017 FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão**, com bolsa de pesquisa para oito meses de investigação na referida Universidade; o projeto objetiva pesquisar o acervo pictórico, em suportes de azulejos e painéis plásticos: tapeçaria e telas, do Palácio dos Leões considerando-o como *museu de repertório emblemático*², resultante da estética de persuasão da presença portuguesa no Estado do Maranhão, amparado em obras e acervos das bibliotecas da Faculdade de Letras, Públicas e Nacional de Lisboa. E mais especificamente ainda, investigar emblemas, símbolos e divisas na arte pictórica azulejar e de painéis plásticos, do Palácio dos Leões, como elementos de incorporação da estratégia de colonização do saber português na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão; bem como, estudar a rede iconográfica – evolução e influência – existente entre a arte pictórica azulejar de painéis plásticos do Palácio dos Leões, em São Luís e correntes estéticas dessa arte, como modelo e preferência de magnificência ornamental, no uso da emblemática portuguesa, resultante das fontes ibérica.

2 HISTÓRIA DO GÊNERO EMBLEMÁTICO E BREVE DEFINIÇÃO

A pesquisadora Chistian Bouzy em Arellano y Vitse (2007, p., 118) demarca o surgimento da emblemática ao declarar a estreita relação desta com o saber do homem aurisecular, “Con la aparición en el siglo XVI de la emblemática, la metaforización del hombre sabio se traslada a la iconografía de los libros de emblemas”. Ficando, portanto, aí demarcado, esta relação entre emblema e sabedoria.

Como observamos que o surgimento do gênero é resultado de um aprimorado exercício de tradução na qual Alciato imitava o saber humanista daquela época pela prática da *imitativo*, como esclarece Vistarini e Cull (1999).

² Para melhor entender este tema, leia Rodrigues, Edimilson, *Os leões do Palácio dos Leões: museu de repertório emblemático*. No qual o autor faz comparações com o repertório que é lugar comum nos livros de emblemas. O pesquisador realiza uma demonstração da história das obras, origens, datas e distribuição espacial das esculturas fora e no entorno do Palácio dos Leões, além de dialogar com 26 emblemas cuja temática é o leão, de autores como: Alciato, Sebastián de Covarrubia Horozco, Remón, Ortí, Lorea, Villava, Romaguera, Borja, Saavedra, Monforte e Iglesia.

“La *Emblematica* es una manifestación literaria que se desarrolló con profusión en Europa a partir de la aparición del género, por azar, con el *Emblematum liber* de Andrea Alciato (1531). En efecto, el jurisconsulto milanés, famoso en toda Europa por su conocimiento e interpretación de las leyes, no tuvo otra intención que ofrecer una colección de epigramas, acompañados de un título, muchos de ellos inspirados en la conocida *Antología griega* cuya adaptación en forma de ejercicio de la *imitatio* constituía uno de los entretenimiento de los humanistas”, Vistarini e Cull (1999, p. 15).

Importa esclarecer que, para o autor, Sebastian de Covarrubias Horozco, irmão de Juan de Horozco – “Metaphóricamente se llaman emblemas los versos que se subscriben a alguna pintura o talla, con que significamos algún concepto bélico, moral, amoroso o en otra manera, ayudando a declarar el intento del emblema o de su autor”. Vale esclarecer, para o contínuo da definição do autor aurisecular que – Este nombre se suele confundir con el de símbolo, hieroglífico, pegma, empresa, insignia, enigma, etc.”, (Covarrubias Horozco, 2006, p. 762). O que nos direciona ao esclarecimento da categoria Emblema.

Calderón (2000) em seu *Breve Diccionario de términos literarios* nos esclarece que, “Emblema: término de origen griego (emblema: incrustación, símbolo) con el que se designa un “jeroglífico, símbolo o empresa en que se representa alguna figura, y al pie de la cual se escribe algún verso o lema que declara el concepto o moralidad que encierra” (DRAE). Se ha creído ver en los jeroglíficos egipcios un antecedente de esta modalidad de composición literaria, cuya primera muestra surge en Italia, con los *Emblemata* (1531), de Andrea Alciato, a los que siguen los de la Perrière (1539), las *Empresas morales*, (1589), de Juan de Horozco y Covarrubias; los *Emblemas morales*, de Sebastián de Covarrubias y Orozco (sic); los *Emblemas moralizados* (1599), de Hernando de Soto, las *Empresas* (1640), de Saavedra Fajardo, etc”.

O mesmo autor nos esclarece como está composto o emblema, o que para alguns teóricos, como veremos, é classificado de Emblema tríplex. “El emblema consta de tres elementos: una imagen o figura (*pictura*), un título en forma de breve sentencia (*inscriptio*) y una explicación más amplia del contenido implícito en la imagen y en el título (*suscriptio*). El tema o sentencia recoge, a veces, un adagio o refrán, como sucede en los citados *Emblemas morales* de Sebastián de Covarrubias, con lo que se evidencia la relación existente entre los emblemas y la literatura de que se sirven y a la que nutren”, Calderón (2000, p. 158 e 159).

Outra definição nos esclarece Tasende (2000) no *Diccionario de términos literarios*: “Emblema composición de un dibujo simbólico que encierra una idea de sentido moral, político, social... y un lema, con el propósito de captar los ánimos mediante

representaciones gráficas. El emblema o la empresa (ésta de carácter más abstracto y particular, aunque acabaron confundándose) está formado por tres partes: un cuerpo, que es la figura o imagen (*pictura*), un título, lema o mote (*inscriptio*), y una explicación (*suscriptio*), a veces en verso. La publicación en 1531 de la colección que lleva por título *Emblematum liber*, del italiano Alciato, impulsó el emblema como género didáctico-moral en toda Europa. En España hubo muchas colecciones. Son famosos, entre otros, los *Emblemas morales* (1589), de Juan de Horozco, y las *Empresas* (1640), de Saavedra Fajardo. Muchas obras barrocas, especialmente algunas de Quevedo y la de Gracián, están influenciadas por la literatura emblemática”, Tasende (2000, p. 246).

Segundo estudos de Zafra e Azanza (2009), podemos dividir o gênero emblemático em três momentos: o primeiro 1531-1571: período de formação e codificação. Corresponde, segundo os autores, ao processo de criação do *Emblematum liber* até sua edição definitiva em 1650, data de falecimento de Andrea Alciato, período de aparição dos primeiros livros de emblemas continuadores de Alciato, como os de Adriano Junio ou Achille Bochhi; a proliferação de *Esopos* ilustrados, bem como a publicação das primeira recopilações de empresas emblemáticas como as de Paradin. O segundo período é o de consolidação: 1571-1607 o qual apresenta uma das obras significativas do gênero: *Emblemata Horatiana*; período no qual surgem obras como: *Delle Impresse* de Carpaccio e também os *Hieroglyphica* de Pierio Valeriano. O período de apogeu do gênero em toda Europa: 1607-1700 no qual são editados os melhores livros de emblemas espanholes. Com destaques para autores como: Horozco, Covarrubias, Nuñez de Cepeda, Antonio de Lorea, Pérez de Herrera, Saavedra Fajardo y Solórzano Pereira, entre outros.

As orientações de Vallejo (1975) são essenciais para compreendermos a difusão da obra e, conseqüentemente, o desenvolvimento e propagação da emblemática. No prólogo da obra *Emblemas* de Alciato, lemos, “Una de las más importantes muestras de la literatura entre los finales del Renacimiento y el barroco está constituida por los emblemas y empresas, literatura nacida al amparo de un notable desarrollo de la minoría intelectual y de la gran difusión que, por medio de la imprenta, alcanza la cultura occidental durante el siglo XVI”, Vallejo (1975, p. 09).

Os autores Zafra e Azanza (2009), neste percurso histórico do gênero, nos demonstram a existência de “Un subgrupo importante de este período y que abarca obras de todos los temas lo constituye la **Emblemática jesuítica**. La Compañía – muy amiga del empleo de las imágenes para la fijación de una idea en la mente, en buena medida por influencia del método de la composición de lugar ignaciana –, utilizó la Emblemática con

gran profusión y acierto en todas las vertientes de su actividad. Muestra de ello es el gran número y calidad de los libros de emblemas que produjeron sus miembros: Engelgrave, Kreihing, Garau, Ortiz, etc. **A partir de 1700** se inicia el período de decadencia en el que ya se componen pocos libros nuevos, aunque proliferan las recopilaciones y las ediciones comentadas de las grandes obras del género. Caso excepcional lo constituyen las *Empresas políticas militares* de Pozuelo, compendio de valores dirigidos al estamento militar”, Zafra e Azanza (2009, p. 17).

Ajudando a declarar a intenção do emblema ou do autor, que, muitas vezes, ainda está por ser desvelado, adormecido que estão muitos símbolos e enigmas, no *corpus* dos monumentos históricos, fachadas, azulejos e escudos, surge este projeto. Os autores Zafra e Azanza (2009, p. 13) nos dizem que “Un emblema es una composición artística que transmite un pensamiento, una enseñanza, mediante una combinación de imagen y texto que se amplifican y enriquecen mutuamente”. Citemos, livremente, Marisa Lajolo (2001) para compreendermos que texto é um todo de significados e sentidos, entrelaçados entre as artes. Que é o que devemos entender como texto para a essência desta pesquisa. Vale o esclarecimento de Aurora Egidio (2004, p. 08) com quem entendemos que “la configuración de texto como tejido, dentro de la doble concepción de *textus* que tantos hilos del discurso, como le gustaba decir Cervantes, ha entrelazado a lo largo de los siglos”. Portanto, texto aqui é entendido como tecido detentor de discurso, desde a escultura, até obras efêmeras, bem como a emblemática imantada nas peças de porcelanas e azulejaria com seus textos representados (*res picta*) e textos formulados (*res significans*) Egidio (2004), depositárias da história viva da sociedade maranhense. Dizem ainda, os autores (Zafra & Azanza 2009, p. 13) que “Estas composiciones reciben su nombre de la obra *Emblematum liber* de Andrea de Alciato – publicada en 1531 – en que aparecieron por primera vez, y fueron cultivados por numerosos autores en multitud de soportes – libros, cuadros, arquitecturas efímeras³... – a lo

³ Entendemos com Rosario Ramos Pérez em *Ephemera – la vida sobre papel*. Madrid: Biblioteca Nacional, 2003, que “variadas ephemera es devida a otra de las características de este tipo de documentos determinado o un artículo de interés actual”. É mais: a arquitetura efêmera não é o caso do prédio, mas de informativos de obras de artes, em suportes variados – canetas, calendários, caixas de fósforo, chaveiros, marcadores de páginas – que fazem parte do acervo da memória da cidade, produzida sobre um espaço, eventos e festividades, bem como sobre obras de artes: catálogos, folders, cartazes e outros impressos breves que não foram criados com o objetivo de sobreviver ao tempo, como os livros e as próprias obras de artes e monumentos das cidades. Veja também, o Artigo de Laura García Sánchez, *Arte efímero y literatura emblemática: la llegada de Carlos IV a Barcelona en 1802*, (pp. 475 – 484) na obra de POZA, Sagrario López. *Literaturia emblemática hispánica. Colección: Cursos, congresos e simposios, Actas del I Simposio internacional: (La Coruña, 14 – 17 de septiembre 1994)* La Coruña: Universidade da Coruña, 1996. Nesta mesma obra veja: *La emblemática española en las decoraciones efímeras de los túmulos granadinos. Siglos XVII y XVIII* de, Reyes Escalera Pérez (pp. 429-446). Ver ainda o texto de Guiseppina Leddá – *Proyección emblemática en aparatos efímeros y en configuración simbólicas festivas* (361 – 376) do volume 2 de MINGUEZ, Victor. *Del libro de emblemas a la Ciudad simbólica: actas del II Simposio*

largo de los siglos XVI, XVII y XVIII, casi hasta la Revolución Francesa”.

Ainda neste campo da definição, recolhemos de Cristina Osswald que, em diálogo com Menestrier, declara – “o emblema era o artifício que a poesia usava para, com a ajuda da pintura, ganhar a alma através dos olhos” (Osswald in Arellano e Pereira, 2010, p. 321), confirmando, com Arredondo (2010) que: “imitar con palabras, o con líneas y colores subyace en ese “hablar visible” de la cultura áurea”, para alguns, acrescentamos, para outros há, ainda, muita invisibilidade solícita de luz, “y su aspiración a lo absoluto” (ROSENAU, 1986, p. 16).

Para concluir com este apontamentos breves sobre a história e a definição do gênero, façamos nossas as palavras de Buxó (1994, p. 31 e 32): “Antes de seguir adelante, convendrá bosquejar una definición del emblema que cuenta la distinta naturaliza y función de sus componentes icónicos y verbales no menos que sus formas de interacción. Entenderemos, pues, por “emblema” un proceso semiótico de carácter sincrético en el que se hallan necesariamente vinculados una imagen visual, un mote o inscripción lacónica y sentenciosa y un epigrama (que puede afectar la forma de soneto, octava real o, incluso, de una prosa cuando se trata de textos escritos en lenguas modernas), el cual toma a su cargo la explicación de los contenidos semánticos de las “cosas” figurativamente representadas. A la misma familia de textos icónico-verbales pertenecen también el jeroglífico, que se reduce a una figura o secuencia arbitraria de figuras, la empresa o divisa, que consta de imagen y mote pero carece de epigrama”.

Tais colocações, nos confortam quanto a uma possível investigação nesta área do conhecimento, contando com – façamos nossas as palavras de (POZA, 2000, p. 08) – “La experiencia de colaboración entre especialistas de diferentes áreas que nos ha brindado este proyecto ha resultado altamente estimulante y muy frutífera. Se ha revelado que lo que era una intuición, es una necesidad: abordar los estudios de aspectos culturales de tamaño importancia en los siglos XVI – XVIII desde una perspectiva multidisciplinar (...)”, tendo como fonte o Palácio dos Leões.

3 EMBLEMAS, CORPO E ALMA DE LEMAS TEÓRICOS E ESPAÇO DA PESQUISA

Estudiosos em várias disciplinas reconhecem que o estudo da emblemática⁴, seja ele inserido dentro ou fora dos edifícios, em selos, em objetos decorativos – azulejarias, tecidos, móveis ou telas, é uma importante área de pesquisa às artes, e incluindo aí, a literatura e seus temas: amor, guerra, traição, bem como a área da religião, da política e da filosofia.

A sociedade espanhola áurea estava acostumada à “lectura de los símbolos” como nos pondera (GÁLLEGO, 1996, p. 50). Vale o destaque para dizer que os emblemas utilizados nas construções e obras de países colonizados, são resultantes dessas práticas estratégicas, tanto nos discursos e sermões⁵, quanto nas obras decorativas. Como diz (VISTARINI; CULL, 1996, p. 07) “Emblemas y empresas fueron también usados para la decoración simbólica de edificios. El emblema ayudó a informar prácticamente todos los modos de la comunicación

⁴ Ver Arellano in Zafra e Azanza na obra *Emblamata Aurea*. Madrid, Akal, 1999; e também, os trabalhos editados pela revista – *Ephialte* – lecturas de História del Arte e, ainda, os trabalhos disponíveis na Biblioteca virtual de la literatura emblemática de la Universidad de A Coruña, sob a coordenação de Sograrío López Poza, bem como o texto de Peter M. Daly, por sua ampla lista de referências de e sobre o estudo do emblema: *Estudios de emblemática: logros y retos* Revista *Relaciones. Estudios de historia e Sociedad. versión on-line* ISSN 2448-7554 *versión impresa* ISSN 0185-3929 *Relac. Estud. hist. soc.* vol.30 no.119 Zamora jun. 2009. Na Revista *Imago de Emblemática y Cultura Visual* no. 01 de 2011 editado por Rafael Zafra e José Javier Azanza, o texto – de María José Cuesta García de Leonardo: *Emblemática militante: el uso del emblema en la decoración efímera para tiempos de guerra* (pp. 251 – 262). Recomendamos ainda, o segundo tomo de *Paisajes emblemáticos: La construcción de la imagen simbólica en Europa y América*, edição de César Chaparro, José Julio García, José Rosa y Jesús Ureña pela Junta de Extremadura, Editora Regional de Extremadura, 2008. colección Estudio no. 34, especificamente este tomo por conter, na segunda parte, mais de vinte textos variando com temas recorrentes das artes plásticas a temas inusitados como o de Joan Feliu Franch (pp. 585 – 600): *Comunismo de porcelana. Diseños revolucionarios rusos en soporte cerámico*.

⁵ Recomendamos o livro de Arellano, Ignacio e Pereira Ana Martínez, *Emblemática y Religión en la península ibérica* (Siglo de Oro) Biblioteca Áurea hispánica, 2010. E, em especial os textos: *Discutiendo emblemas y educación na Companhia de Jesus*, de Cristina Osswald (pp. 303 – 327) e, *Pues si miramos ese escudo imperial: imbricación de palabra e imagen en el sermón de Jerónimo de Flores (S.J.) para las exequias funerales en honor de la emperatriz María de Austria*, texto de Antonio Bernat Vistarini y John T. Cull (pp. 101 126) e ainda, na mesma coleção: *Retórica visual en torno a San Francisco de Borja em el Palacio Ducal de Gandía: la Galería Dorada*, de Rafael García Mahiques (pp. 173 – 208), sobre o tema Franciscano, é imprescindível a leitura da obra inserida na mesma coleção, resultado da Tese da pesquisadora do GRISO M. Gabriella Torres Olleta, *Redes iconográficas San Francisco Javier en la cultura visual del Barroco*. Navarra, Universidad de Navarra, 2008. E, o texto de Guiseppina Ledda, *Los jeroglíficos em los Sermones barrocos*. Também, *Desde la palabra a la imagen, desde la imagen a la palabra* (pp. 111 – 128) na obra – *Actas del I Simpósio Internacional: Literatura emblemática hispánica* – editada por Sograrío López Poza (1996). Ampliando as pesquisas nesta área, temos na Revista *Imago de Emblemática y Cultura Visual* no. 01 de 2011, editado por Rafael Zafra e José Javier Azanza, o texto: *El triunfo de la Iglesia: una narración en defensa de la fe*, de Enrique Geraldo Aguilera Longoria (pp. 119 – 128) e ainda, *EL Salmo 109 como origen de la iconografía de la Trinidad*, de María Elvira Mocholí Martínez (pp. 495 – 506) e no mesmo tomo, *Imágenes simbólicas en los sermones de exequias: pintura y palabra en la muerte de María Sofía Isabel de Neoburgo* (1699) (pp. 485 – 494).

verbal y visual durante los siglos XVI e XVII”.

E, relativo à arquitetura e história social da cidade de São Luís, fundada por franceses – 1612, e colonizada por portugueses, os emblemas estão compondo o que chamamos museu de repertório aberto, ainda por ser estudado e pesquisado. Importa lembrar que o uso de Leões em edifícios e moveis é uma prática do universo europeu. Pois o autor Faustino Menéndez Pidal (199) na obra, *Leones y castillos: emblemas heráldicos en España*, apresenta questões da movelaria rara, e equívocos da heráldica espanhola, demonstrando um panorama da heráldica espanhola, épocas e regiões no período medieval, bem como os possíveis vestígios na Espanha da heráldica arturiana isto bem marcado desde o surgimento da emblemática nos albores do século XVI.

O nosso limite geográfico da pesquisa não quer dizer limite de investigação, pois, como sabemos, a cidade de São Luís está formada por diversas culturas e povos, o que amplia os limites para Igrejas, Fontes, Catedrais e Ruas como livro de imagens retidas em azulejos do século XVI, XVII e XVIII; além das inúmeras peças da artesanaria portuguesa em porcelanas, compondo acervos do Museu do Estado do Maranhão, das Igrejas e do Palácio, sede do Governo do Estado. Logo, nosso limite é a arte pictórica: azulejos, telas e tapeçaria, como acervo e repositório de emblemas no Palácio dos Leões como elemento de incorporação da arte portuguesa na cidade de São Luís.

Pelo que dissemos, estamos de acordo com Aguirre e Pidal (1996, p. 15) “El quehacer del investigador comparte con muchas otras facetas de la actividad humana a la circunstancia del saber, o al menos intuir, por dónde se va a comenzar.”. Por isso, o nosso limite geográfico: Palácio dos Leões que se apresenta para nós como – “señas de identidades antiguas y arraigadas como pruebas de estabilidad y seguridad”, e destacamos que, sendo o homem português o colonizador da cidade de São Luís, ele deixou, através de seus emblemas e símbolos, a marca individual e social da sociedade portuguesa, posto que, “El emblema heráldico, sea territorial, personal o de linaje, supone un símbolo visual que proporciona información sobre su poseedor. Esta información se transmite a la obra en que aparece, por lo que debemos valorar qué se transmitía, a fin de concluir por qué se transmitía y cuál era la finalidad de esa transmisión” (AGUIRRE E PIDAL, 1996, p. 21).

A prática do uso dos emblemas alastrou-se por todos os espaços da sociedade ibérica, que, por sua vez, filtrou-se para as colônias, e, não podia ser diferente, à cidade de São Luís que está toda ela, da pátria portuguesa, impregnada de imagens, símbolo, hieroglífico, pegma, empresa, insignia e enigma, em seus casarões, sua poesia, sua arquitetura, compondo um amplo museu de divisas e empresas imaginárias, informantes da

presença e das opções do homem luso, confirmante de que “Las empresas o divisas comparten con otras manifestaciones de la emblemática su naturaleza híbrida, pero difieren de las mismas en su finalidad y ciertos aspectos formales, constituyendo un subgénero único con funciones y cometidos propios. Frente a otras ramas de la emblemática, las empresas se definen por la transmisión de mensajes concretos, creados a partir de las necesidades de un emisor particular (...)” (LAFUENTE, 2017, p. 13). É presumível, portanto, afirmar que a história da cidade de São Luís se constitui como parte dessa concepção individual e idiossincrática da vida e do mundo português, e o Palácio dos Leões é essa joia, cujas pedras, artefatos artísticos, foram “creados a partir de las necesidades de un emisor particular que se sirve de ellas para dar cuenta de su individualidad a través de la expresión de diversos aspectos relativos a su concepción personal de la vida y el mundo, entre los que se pueden incluir altos pensamientos, anhelos, sentimientos o proyectos de futuro” (LAFUENTE, 2017, p. 13), tais como a arquitetura interior e exterior do Palácio e da arquitetura portuguesa que se espraia ao longo de todo o centro histórico e algumas cidades guarnecidas, emblematicamente, desde seus étimos: Guimarães, Viana, Santana, Alcântara, sem falar nas cidades com os nomes de santos: Santa Quitéria, São João do Sóter, São João dos Patos, só para lembrar algumas, resultantes das “empresas reales e históricas [que] se inscriben en un paisaje heterogéneo, abierto, dúctil y dispar, pues en ellas encontraron cabida los pensamientos y sentimientos de sus distintos propietarios, quienes las modelaron a su juicio y conveniencia, dando lugar a un producto insólito, reflejo fidelísimo de sus preocupaciones íntimas, que deja abierta la puerta al estudio de sus más privados desvelos, tanto amorosos o heroicos como relativos a otras cuestiones diversas” (LAFUENTE, 2017, p. 13).

Pensemos na cidade Marianópolis em Pedreiras com sua estrutura colonial e estratégias de urbanização, e ainda, em Saco das Almas, no município de Santa Quitéria, com sua indústria açucareira e seu “estamento nobiliário e incluso religioso y, de este modo, dan voz a sectores de la sociedad que de otra forma difícilmente se preocuparían por dejar constancia escrita de sus reflexiones y anhelos” (LAFUENTE, 2017, p. 13), com suas estratégias de linguagens umedecidas em palavras, símbolos, imagens, rótulos e emblemas com o objetivo de colonizar.

Nosso estudo, portanto, pretende estudar parte desta arquitetura invento-criativa, entendendo o todo como a soma das partes, o Palácio do Leões, representante da emblemática portuguesa e das diferentes maneiras e suportes de sua estratégia na museologia imaginária do Palácio. Investigando o sentido e o significado de elementos heráldicos e símbolos históricos e artísticos, como exemplo as pinturas que compõem a arte deste espaço, que, por si só, se

traduzem em objeto de estética de persuasão, patrimônio regional da emblemática portuguesa no Estado do Maranhão.

4 RESULTADOS ESPERADOS COM A PESQUISA

A pesquisa *Estética de persuasão: Palácio dos Leões patrimônio de emblemas portugueses em São Luís, capital do Estado do Maranhão* busca colaborar com os estudos da história da arte e da literatura, aspirando ser um instrumento de pesquisa – textos publicados em revistas e congressos da área e em capítulos de livros – que torne acessível, o saber sobre a emblemática, bem como a relação comparativa entre arte emblemática e o acervo do Palácio dos Leões, em São Luís, resultante de um elaborado sistema de estratégia portuguesa, concatenado à emblemática ibérica. Possibilitará a produção de textos de e sobre a pesquisa – uma audiência cada vez maior de leitores e estudiosos interessados na temática, bem como, colocará a cidade de São Luís, no itinerário de cidades possuidora de patrimônio emblemático, nos eventos e congressos, como já acontece com cidades da América Central, do Caribe, e as cidades de Recife, as de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, assim como de outras cidades históricas do Brasil⁶. O resultado dos trabalhos publicados destacará a cidade

⁶ Recomendamos a pesquisa ao tomo produzido pela Faculdade de Filologia e Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid, resultante do VIII Congresso da Sociedade Espanhola de Emblemática com o tema: *Palabras, símbolos, emblemas. Las estructuras gráficas de la representación*, ocorrido nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 2011 e, de modo sucinto, os textos *As virtudes teológicas na igreja do Santíssimo Sacramento do Recife (Pernambuco) à luz da iconologia e da tradição iconográfica portuguesa*, de Rubem Amaral Jr. (pp. 127 a 138), ainda deste último: *Emblemática mariana no convento de São Francisco de Salvador, Bahia, e seus modelos europeus*, (pp. 203 - 216) no volume I de MAHÍQUES, Rafael García e SENENTE, Vicent F. Zuriaga. *Imagen y Cultura* 2 vols. Valencia, Universitat Internacional de Gandia e Generalitat Valenciana, 2008, fruto do encontro *La interpretación de las Imágenes como Historia Cultural*, e o texto de Luc Torres: *Fortuna literaria (Países Bajos y Francia) y arquitectónica (Brasil) de los Emblemata Horatiana* de Otho Vaenius. (pp. 493 a 502). Vale também, o destaque para o tomo do Coloquio organizado pelo GRISO – Grupo de Investigación Siglo de Oro, ocorrido na Universidad de Navarra dos dias 26 a 29 de Maio de 1999, organizado por Rafael Zafra e José Javier Azanza, com o tema *Emblemata Aurea – la emblemática en el arte y la literatura del Siglo de Oro*, em especial o texto de José A. Rodríguez Garrido, da Universidade de Princeton e do Peru “*Lo que no ha de poder expresar la voz*” *poesía y emblemática en el arco triunfal de Pedro de Peralta para la proclamación en Lima de Luis I (1724)* (pp. 353 a 365); e, como destaque para este projeto, nos serve de inspiração o texto de Jesús María González de Zárate da Universidade do País Basco, *Imagen y poder, alegorías en emblemas*, presente no mesmo Coloquio do GRISO (pp 225 a 250). No volume II da obra de MAHÍQUES, Rafael García e SENENTE, Vicent F. Zuriaga. *Imagen y Cultura* 2 vol. Valencia, Universitat Internacional de Gandia e Generalitat Valenciana, 2008, resultando do encontro *La interpretación de las Imágenes como Historia Cultural*, temos a artigo de Rosário Inés Granada Salinas e Edgar García Valencia – *Remedios contra el olvido. Emblemática y conquistas en los muros del primer santuario mariano de América*. (pp. 849 – 860) e, também: *Entre el barroco colonial y la tradición europea*. Una fachada de arquitectura oblicua en el Pirineo Altoaragonés: las portadas de la iglesia del monasterio nuevo de San Juan de la Peña, artigo de Natalia Juan García, (pp. 894 - 912) e, no mesmo tomo, recomendamos a leitura de *Programas iconográficos monumentos góticos: usos, funciones e historia local*, de Lucía Lahoz (pp. 934 - 953) na mesma obra os textos das páginas (1269 – 1276) compostos por Miguel Ángel Picó Pascual – *Una obra heráldica y popular: los escudos de las fallas de la ciudad de Valencia*, e, nas (páginas 1283 – 1298): *Las figuras alegóricas del mural de la Feria de San Marcos*. Suma y reflejo de una pequeña ciudad de la provincia mexicana de, Luciano Ramírez Hurtado. Vale o destaque para o

de São Luís como herdeira desta temática, com seus motivos iconográficos, ampliando os estudos de paisagem, de cidades, e, ainda, da iconografia azulejar realizada por estudiosos maranhenses. Por ser uma pesquisa inovadora neste aspecto, esperamos colocar o Palácio dos Leões, no centro das questões do tema, entre os Grupos de Estudos nas acadêmicas da Europa e do Brasil, assim como em suas Universidades, ampliando os trabalhos que destacam a cidade como patrimônio da humanidade, tornado visível o acervo do Palácio dos Leões como patrimônio de emblemas imagéticos, resultante da trama intertextual de saberes, que, como disse Arellano in Zafra e Azanza (2000, p. 09) “Se rastrean por tanto infinidad de materiales y elementos de calidad emblemática”.

5 CONCLUSÃO

Nossa intenção neste projeto é como já evidenciamos, aproximar saberes da cultura ibérica através da produção emblemática concatenada ao acervo do Palácio dos Leões. Desse modo, o caminho que percorreremos será a investigação da influência, imitação e da originalidade, bem como da estratégia de criação do acervo iconográfico, criado pela pátria portuguesa para compor a arquitetura interna do Palácio dos Leões.

Almejaremos, para tal investigação, as seguintes metas pedagógicas:

Num primeiro momento, um trabalho de consulta documental, na qual recolheremos dados, sobre a história da arte, com enfoque para o mobiliário- pátina, moldura, arranjo, técnicas, materiais, autoria, origem, espaço cenográfico, adequação, suportes e cenas;

Num segundo momento da pesquisa, levantaremos as entradas relativas a: Emblema, Pegma, Heráldica, Símbolo, Enigma, Divisas, Empresas, produzindo um catálogo de definições acerca destas categorias, como amparo às produções textuais à luz dos saberes da história da arte e da literatura.

Num terceiro momento, analisaremos obras do acervo resultantes da relação emblemática, com destaque para o que chamamos de *corpus* de estrutura da obra, ou seja, a concepção que torna a difusão dos elementos emblemáticos importante para os séculos XVI, XVII e XVIII: os Motivos, a Imagem, o Autor, a Fonte do Emblemista, Antecedentes de criação, *Subscriptio*, Comentários. Numa relação entre corpo e alma do emblema, o primeiro,

texto de Rubem Amaral Jr., com poucas alterações do texto acima citada, publicado na na Revista Imago de Emblemática y Cultura Visual no. 01 de 2011, editado por Rafael Zafra e José Javier Azanza, com o título – *Emblemática mariana na igreja do Antigo Recolhimento de N. S. da Conceição de Olinda (Pernambuco) e seus modelos europeus* (pp. 151 – 162).

a pintura; o último o *corpus* textual, comprendiendo que “La armonía interior del emblema se establece entre los componentes que lo forman. El *emblema triplex*, (...) al cual se distingue, en líneas generales, de las empresas y otras formas icono-verbales por contener tres partes claramente diferenciadas: 1) la *inscriptio* o lema que da título al emblema, 2) la *pictura* o imagen simbólica y 3) la *suscriptio*, declaración o epigrama que sirve de pie a la imagen” (EGIDIO, 2004, p. 14).

REFERÊNCIAS

ALCIATO, Andrea. **Los emblemas de Alciato**: traducidos en rimas españolas. Edição: Rafael Zafra. Palma de Mallorca: Olañeta, 1549.

_____. **Emblemas**. Edição: Mario Soria (Ed). Madrid: Editora Nacional, 1975.

ARELLANO, Ignacio; PEREIRA, Ana Martínez. **Emblemática y religión en la península ibérica**. Navarra: Universidad de Navarra e Vervuert, 2010.

BATISTA, H. S. A. **Assim na Morte como na vida**: arte e sociedade no cemitério São João Batista. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

CHAPARRO, C.; GARCÍA, J. J.; UREÑA, J. R. J. **Paisajes emblemáticos**: la construcción de la imagen simbólica em Europa y América. [S.l.]: Editora Regional de Extremadura, 2008.

CAMPA, F. **Emblemata Hispanica**. Durham: Duke University Press, 1990.

COVARRUBIAS HOROZCO, Sebastián. **Tesoro de la lengua Castellano o Española**. Edição e Ilustração: Ignacio Arellano e Rafael Zafra. Navarra: Universidad de Navarra, 2006.

EGIDO, Aurora. **De la mano de Artemia**: Literatura, Emblemática, Mnemotecnica y Arte en el Siglo de Oro. Barcelona: Ediciones UIB, 2004.

GÁLLEGO, Julián. **Visión y símbolos en la pintura española del Siglo de Oro**. Madrid: [s.n.], 1996.

GONZÁLES, Sandra Maria Peñasco; COVARRUBIAS, Sebastián de. **Emblemas morales**. Madrid: SIELAE, 2017.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC S.A, 1999.

MACHADO, J. C. **Dicionário de Escultura**. Lisboa: Depositário Livraria Coelho, 1937.

MAHÍQUES, R. G; SENENTE, V. F. Z. **Imagen y Cultura**. Valencia: Universitat Internacional de Gandia, 2008. 2 v.

MAHÍQUES, Rafael García. **Iconografía y Iconología**. Madrid: Encuentro, 2008. 1 v.

MANZANO, María Asunción Sánchez. **Sabiduría simbólica en la literatura grecolatina**. León: Tecnos, 2011.

MÍNGUEZ, Victor (Ed.). **Del libro de emblemas a la Ciudad simbólica**. actas del II Simposio Internacional de Emblemata Hispánica. Castellón-Benicàssim: Universitat Jaume I 1999. 2 v.

POZA, Sagrario López. **Literatua emblemática hispánica**: actas del I Simpósio internacional. La Coruña: Universidade da Coruña, 1996.

_____. **Estudios sobre literatura emblemática española**: trabajos del grupo de investigación Literatura Emblemática Hispánica. La Coruña: Sociedad de Cultura Valle Inclán – SIELAE, 2000.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando. **Emblemas**: lectura de imagen simbólica. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

_____. **La Península metafísica**: arte, literatura y pensamiento en la España de la Contrarreforma. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

_____. **Teatro de la memoria**. Valladolid: Junta de Castilla-León, 1988.

_____. **Ephialte**: lectura de Historia del Arte. Vitoria: Instituto de Estudios Iconográficos I, 1989.

ROSENAU, Helen. **La ciudad ideal**: su evolución arquitectónica en Europa. Madrid: Alianza, 1986.

SANTIAGO, Sebastián. **Emblemática e historia del Arte**. Barcelona: Ediciones UIB, 1999.

SANTIAGO, Sebastián (Ed.). **Emblemas**. Madrid: Akal, 1993.

SIRODEY, S. A. Paisajes narrativos en los siglos XVI y XVII: del lugar ameno a la selva urbana. In: SIMPOSIO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LITERATURA GENERAL Y COMPARADA, 10., 1994, Santiago de Compostela. **Paisaje, juego y multilingüismo**. Disponible em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=2679>>. Acceso em: 24 de junho de 2017.

TOMÁS, Enrique García Santo. **Espacio urbano y creación literaria en el Madrid de Felipe IV**. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2004.

TORRIJOS, Rosa López. **La mitología en la pintura española del siglo XVII**. Madrid: [s.n.], 1982.

VALADARES, C. P. **Arte e sociedade nos Cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2 v.

VISTARINI, Antonio Bernat; CULL, J. T. **Enciclopedia de Emblemas Españoles Ilustrados**. Madrid: Akal, 1999.

_____. **Los días del Alción:** Emblemas, Literatura e Arte del Siglo de Oro. Illas Balleares: Ediciones UIB, 2002.

YATES. Francis. **El arte de la memoria.** Madrid: Taurus, 1974.

ZAFRA, Rafael; AZANZA, José Javier. **Deleitando enseña:** una colección de emblemática. Navarra: Universidade de Navarra, 2009.

_____. **Emblemata aurea:** la emblemática en el arte y la literatura del Siglo de Oro. Madrid: Akal, 2000.

_____. **Emblemática trascendente:** hermenéutica de la imagen iconología del texto. Navarra: Sociedad Española de Emblemática – SEE, 2011.

